



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

Quem rouba a ladrão...



Zé Timóteo e Zé Chamiço são dois ladrões que roubaram uma porção de chouriço e a papá-lo se preparam.



Mas Titó, cãozinho esperto ou, antes, finório, digo, apanhando-o muito perto, ao dito chamou-lhe um figo.



Nisto, os dois dão pelo roubo... E, então, vando-os a lutar como um tigre com um lobo, o «Titó» ri-se a fartar.



A JOANINHA E A MOSCA

por **GRACIETTE BRANCO**

Desenhos de **VASCO**

Do livro: — Arca de Noé, da autoria de D. Graciette Branco, recentemente aparecido e que constitui o 38.º volume da «Biblioteca dos Pequenos» superiormente dirigida por D. Emilia de Sousa Costa, transcrevemos um dos seus lindos contos, recomendando a aquisição de tão encantadora obra aos papás dos nossos pequeninos leitores.

—«Joaninha! Joaninha! Vamos voar?!»

Esta pergunta fôra feita por uma certa mosquinha moreninha e dirigida a um insectozinho chamado scientificamente Coccinela, mas que a Alma simples do Povo humilde, baptizou, singelamente, de Joaninha.

Ora, os meus queridos pequerruchos, sabem perfeitamente o que é uma Joaninha, porque já a viram voar, batendo as suas asinhas de seda e transportando a conchazinha minúscula que lhes reveste o corpinho, sarampintada de pintinhas vermelhas.

Mas o que, naturalmente, os meus queridos meninos não sabem é que o sitio onde ela pouse, logo é bafejado pela Felicidade!

Tenho mesmo a certeza de que já milhares delas pousaram sobre as vossas mãozinhas, porque estou a ler nos vossos olhinhos a Bondade das vossas Almas, e a quem é

zinha e banal de aspecto) — fôra desafiar para um passeio longo a linda Joaninha, que dormia ainda no lençolinho doce duma pétala branca de jasmim!



Estremunhada, a Joaninha respondeu:

—«Sim, mosquinha. Vou já!» E, elevando o vôo dentro a pétala perfumada da flôr, veio pousar sobre um tronco de lilazes onde a mosquinha trigueira a aguardava, na sua ansia do passeio ao Sol!



bom proteje Deus, mandando-lhe, como mensageiro de Felicidade, o insectozinho sarapintado, chamado Joaninha!

E foram.
Voaram, voaram, viram coisas lindas e viram coisas feias.

(Coisas feias só as acções más, porque, de resto, tudo o que existe é lindo, porque é obra de Deus!)

Passaram dias, passaram noites, nascia o Sol, punha-se o Sol e a môska e a Joaninha, lado a lado, voando sempre, prosseguiam na sua marcha incansável.

Surgiam grupos alegres de gente môça, que paravam, dizendo:

—«Olha uma Joaninha tão linda ao lado duma môska tão feia!!»

Môska preta! Some-te!
O' Joaninha! O' Joaninha! Pousa em mim!... Pousa em mim!...

E a mosquinha, tristinha e muda, prosseguia no seu vôo,

Pois nessa manhã de Sol quentinha e doirada, a môska trigueirinha — (mosquinha como todas as mosquinhas, feia-

ao lado da Joaquina, igualmente muda e triste, porque não era vaidosa e tinha bom coração!

E as rosas dos jardins debruçavam-se sobre os gradeamentos de ferro, gritando, implorando nas suas vozinhas doces e perfumadas:

—«Joaquina! Joaquina!...

Deixa a môsca feia e preta! Vem para nós, Joaquina! Vem para nós!!»

E a mosquinha entristecia e a Joaquina entristecia também, mas continuavam voando as duas, lado a lado, num silêncio profundo!

Mas, duma janelinha, uma criança grita:

— «Adorada
Joaquina,
fadada
com tanto dom,
vem-me pousar
na mãozinha,
que a Mãezinha
diz que é bom! —»

E a Joaquina, achando graça ao delicado pedido da criança e porque a mosquinha lhe segredara comovidamente que fôsse, respondeu, indo pousar-lhe sobre a palmita da mão, rosada e linda:

— «Eu te fado, pequenino;
Ouve bem o meu Fadar:
— Ha-de ser o teu Destino,
Mais branco do que o luar!

Mais branco do que o luar,
Mais alvo que a lua-cheia!
Dorme, que Deus te rodeia!
Dorme, dorme, vai sonhar!...



E, num vôozinho rápido, a Joaquina bateu as asas de sonho e retomou lugar ao lado da mosquinha que limpava, furtivamente, uma lágrima rebelde!

E passaram meses e passaram anos! E novos grupos surgiram, troçando a pobre mosquinha e desejando a bela Joaquina!

Passou um velho que implorou:

— «Joaquina! Pousa em mim!
Deixa a môsca negra e feia! Acalenta-me com a tua graça e bafeja-me com o teu Poder Divino!» Mas a Joaquina voava, impassível, serena...

Passou um par de Noivos:

— «Joaquina! Abençoa-nos!
Abandona a môsca horrível! Pousa em nós, Joaquina!»

Mas a Joaquina voava, impassível!...

Passou um pobre mendigo:

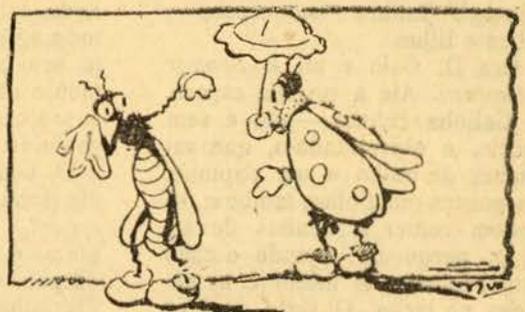
— «Joaquina! Dá-me riqueza e ventura! Olha a negrura da môsca como entristece e aterra!

Vem para mim Joaquina!»

Mas a Joaquina voava, serena e alheada!...

Passou em seguida um guerreiro audaz, que lhe gritou, numa súplica ardente, um pedido vibrante:

— «Joaquina! O' linda Joaquina! Vem pousar na minha frente! Conduze-me á Glória! Dispensá-me o teu Poder Sagrado! Joaquina! Para que segues com essa môsca feia que te enegrece o rastro!?



Joaquina! O' Joaquina! Vem comigo!!»

E a Joaquina voava, voava sempre, muda, serena, impassível, alheada!...

Mas, de repente, pára a pobresita môsca, que diz para



a Joaquina, numa vôzita trémula em que se pressentiam ocultas lágrimas!»

— «Joaquina!»

— «Que me queres?!»

— «Quero falar-te!»

— «Dize.»

(Continua na pagina 6)

Egoísmo castigado



POR MARIA ALDA

FOI ainda muito comóvido que o «Coelhinho Branco» contou a Maria Natália a cena que, momentos antes, presenciara.

Defronte dele — da sua coelheira, — habitam, num «chalet» feito de madeira e rede de arame, D. Galo e sua família, que se compõe de D. Galinha, — sua esposa —, filhos e filhas.

Ora D. Galo é ali o *Senhor Absoluto*. Até a própria esposa. — Galinha Branca — não é sem receio, e espreitando-o, que vai encher de milho o seu papinho. Os pobres pintainhos, também, só podem comer a ocultas de D. Galo, porquanto, quando o chão está repleto de milho e as sementes no tacho, D. Galo, mal vê os pintos e a galinha — sua esposa — comendo, dá-lhes grandes bicadas.

Se algum dos pintos, mais encorajado, não se retira, éle, então, todo irritado, começa num grande barulho «có-cró-có», e o pintainho, coitadito, lá se vai embora, com receio que D. Galo se altere inda mais.

Um dia D. Galo, ao ver que a

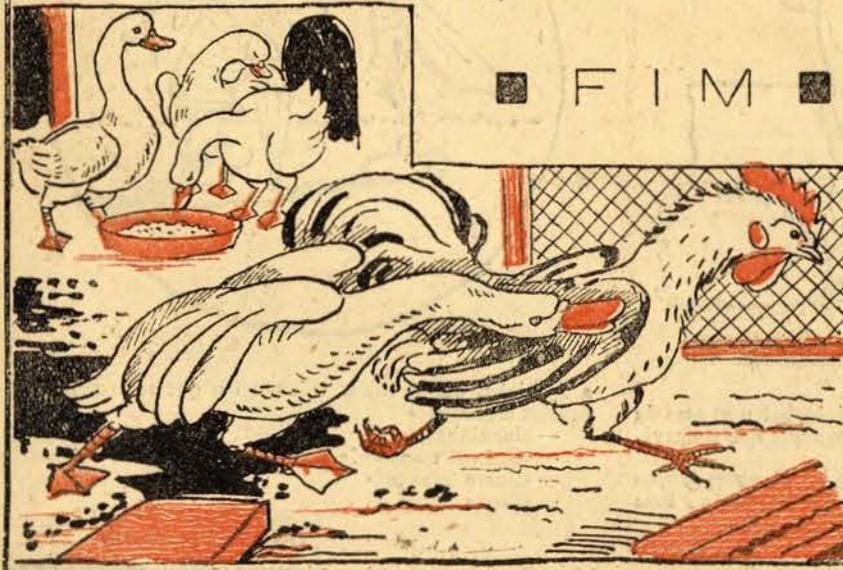
porta da sua habitação tinha ficado aberta por esquecimento, decidiu sair para dar um passeio. Perto estavam três gansos comendo. D. Galo, todo ufano, com ares de importância, caminha para eles, com o fim de também compartilhar da sua ração. Mas, mal tinha engolido um pouco de comida, salta um dos gansos, em atitude agressiva, bicando-o na crista, sem a qual ficaria, se rapidamente não fugisse, recolhendo-se à sua capoeira, corrido e envergonhado.

D. Galinha Branca ao ver que éle vinha ferido, começa num *cri-cri-cri*, muito aflito, acudindo pintos e pintas que, acercando-se do pai, o encheram de carinhos. Éle olhava-os enternecido, acabando por lhes pedir perdão do que lhes fazia também à hora da comida.

E o «Coelhinho Branco» rematou: — Foi uma boa lição que D. Galo, meu vizinho, recebeu. Agora creio que nunca mais será egoísta e repartirá a comida por todos.

De tudo isto, concluiu Maria Natália que o «Coelhinho Branco» raciocina bem e tem um coração excelente.

■ F I M ■



OS GATOS da MILÚ

POR TOUNEGRA

Desenhos Castané

UM gato francês e outro português, eis dois bichanos que pertencem à minha amiguinha Milú.

O primeiro é todo branco, de uma elegância a toda a prova e o segundo é cinzento e branco mas este, em elegância, deixa muito a desejar. Até é côxo! Contemos como se tornaram propriedade da Milúzinha os dois gatos.

Tareco, o português, tivera como primeira dona uma desapiadada porteira que, não lhe dando comida, não queria que o pobre gato furtasse algum alimento e sempre que tal acontecia apanhava o bom Tareco cada tarefa que era de fazer arrepiar. Certo dia, já muito farta do gato, a má porteira decidiu-se a ir deixá-lo numa rua distante daquela em que morava. Tareco, cheizinho de fome miava, miava que até fazia dó. Mas, em vez da comida porque clamava, súbitamente surgiu de uma travessa, a todo o galope, um canzarrão mauzão que, vendo-o, lhe deitou o dente. Se não fosse uma boa mulherzinha que, passando naquela hora, lhe acudiu, D. Tareco já cá não existiria; teria sido papadinho, coitado! A boa mulher pegou-lhe, então, e levou-o, indo éle a miar, cheizinho de dóres, pois levava uma perna partida. Essa mulher era a porteira da Milúzinha. Como esta estivesse doentinha, para a distrair, levou-lhe o Tareco, o qual, apanhando-se em camarão, se enroscou e dali não saiu se não à força.

Milú é boazinha. Como tal, e apesar de Tareco ser feio, estar magro e

ser aleijado, ficou com éle. Foi enquanto esteve doente o seu companheiro predilecto e ficaram sendo muito amigos. Estavam assim há já bastante tempo, quando uma amiga da Milúzinha lhe mandou, dentro de um cestinho, um gato francês, pequeno, todo branco como algodão em rama. Milú gostou do presente mas, ao pensar que a beleza daquele gato podia fazer querer menos ao seu Tareco, sentiu os olhos rasos de água. Felizmente enganou-se. Belinho, o gato francês, sendo belo, não a fez, contudo esquecer o seu pobre Tareco: — Mais vale ser meigo, simpático e bem educado, do que belo mas arisco e falho de educação.

Agora, para findar, um exemplo da superioridade do gatinho português sobre o francês. Milú veio veranear para Lousa e trouxe, no automóvel em que veio, dois gatos. Tareco veio todo o caminho quieto e resignado com aquela prisão durante algumas horas. O mesmo não sucedeu com Belinho por mais que o acarinhassem. Miou, miou, tentou sair do carro, e pôs em desassosiego as boas donas. Já vêem, pois, meus meninos, que, apesar de feio e de côxo, é muito mais apreciável Tareco do que o Belinho.

Assim, também, os meninos quietinhos e obedientes, por muito feios que sejam e até aleijadinhos, são sempre mais apreciados do que os belos mas traquinas, egoístas e desobedientes.

■ F I M ■

BREVEMENTE:

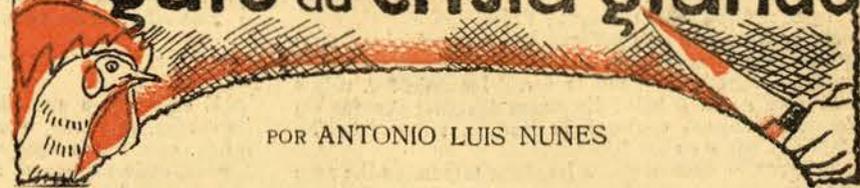
O SONHO DE TITÓ

PEÇA INFANTIL

A MARUINHA — NOVELA

AUGUSTO DE SANTA-RITA

O galo da crista grande



POR ANTONIO LUIS NUNES

MAL o Sol começava a espreitar pelos buracos da rede da velha capoeira, logo galos, galinhas e pintainhos principiaram num cacarejar medonho, que, se os caseiros a éle não estivessem habituados, morreriam com dóres de cabeça.

Mas aquele que mais alto cacarejava e o que maior importância queria aparentar, era, sem dúvida alguma, o galo da crista grande.

Era éste animal o despota da capoeira.

Nos tachos quem primeiro comia era éle, e era também éle quem, exclusivamente, mandava nas donas galinhas. Os outros galos, coitados, calavam-se, pois nenhum outro remédio tinham. Sempre depois das suas refeições, já com o papo bem cheio, ei-lo a desdenhar de toda a restante bicharada:

— Eh! Eh! Vocês são uns patetas. Eu é que sou esperto! Sou eu quem como os melhores bocados, e por isso ando bonito e gordinho. Ah! Ah!

E a quem havia de caber a Sorte?! Ao galo da crista grande! Bastante barafustou, clamando que era o galo da crista grande, que não havia direito, em suma, mas não lhe valeu de nada e foi para a panela da canja que foi uma beleza.

E, no fim de tudo isto, os meninos sabem quem se riu a faltar?! ... Os outros galos e restante bicharada da capoeira, que se viram livres de tão terrível rei.

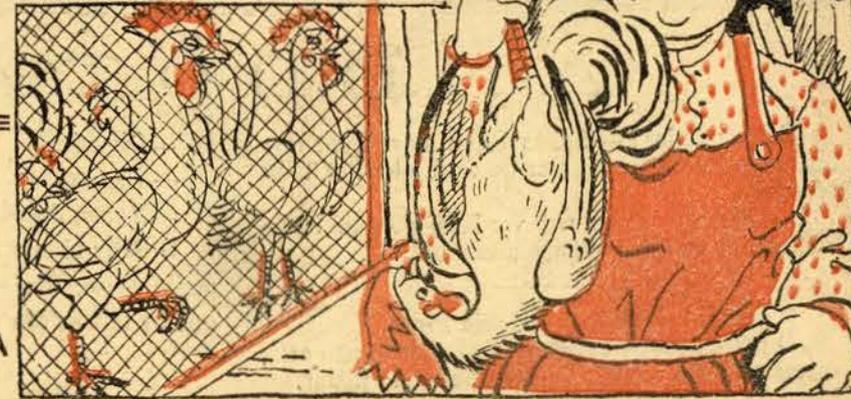
Então, diziam éles todos contentes:

— Foi muito bem feito! Julgava que era mais do que nós! ... De que lhe serviu, afinal, tanta abundância e prosápia?! Ir mais depressa para a panela! ... E riam perdidamente.

Desde, então, na capoeira, tem reinado completo sossego e fraternal amizade.

■ F I M ■

Chega por fim a véspera do Natal. A caseira dirige-se à capoeira a-fim-de escolher um galo para o jantar.



(Continuação da página 3)

— «Não quero ensombrar mais a tua luminosa carreira! Todos te chamam, todos te querem porque és linda e bela e todos me amaldiçoam e escorraçam, porque sou negra e feia!

Segue sòzinha o teu caminho! Vai!»

E, vagarosamente, resvalaram-lhe dos olhinhos, duas lágrimas puras e sentidas!

«Vai, — repetiu! — Tudo te sorri, Joanhina! A vida é linda para quem é bela! Eu nunca devia ter pensado em encetar caminhada contigo! És linda e eu sou feia! No entanto, és boa e eu sou boa.»

Mas, muito docemente, a Joanhina respondeu-lhe num sorrizinho calmo:

— «O' minha ingénua mosquinha! Pois tu não compreendes porque quero prosseguir a teu lado?!»

— «Não!»

— «Porque a nossa união é a imagem da vida!»

— «Como Joanhina?! Explica-me!»

— «Porque o Bem caminha lado a lado, oculto sob a Beleza e sob a Fealdade! Quem tem olhos unicamente para a Beleza, pouco Bem colhe.

Por isso os meus ouvidinhos são surdos para quem me exalta a lindeza que nada vale e apenas atendem os inocentes pedidos de certas criancinhas ingénuas, que pedem auxílio, simplesmente, ao meu coração e à minha bondade!

O mundo anda cego! Só julga ver bondade no que é belo!

— Então, Joanhina, e quando é que o mundo deixará de ser cego?

Mas, súbitamente, num montão de poeira, surge, numa volta da estrada, o guerreiro de há pouco, que passara implorando auxílio à joanhina linda e escarnecendo a desgraçadinha môsca feia!

Vinha rôto, desgrenhado, pálido e febril! Ao ver a joanhina, num rasgo de inspiração, lançou-se quasi de rastos sobre a estrada, gritando-lhe de mãos erguidas:

— Joanhina! Joanhina! Salva-me! Acode-me! Proteje-me! Perdi a minha espada, Joanhina!

Ai, a minha espada! Ai vem o inimigo! Joanhina! A minha espada! A minha espada!

E a Joanhina, muito calmamente, fazendo com o seu condão divino, surgir, de súbito, uma espada linda e reluzente, estendeu-lha, dizendo:

— «Ergue-te, cavaleiro!

Eis uma espada linda que poderá substituir a tua!»

Mas o guerreiro, de olhos espantados, recusou-lha, dizendo:

— «Não, Joanhina! Não! Dá-me a minha espada negra e feia! A minha espada feia, mas a minha! A minha espada feia, negra, denegrída, mas a melhor de todas, a única que poderá defender-me!»

Então a Joanhina, retirando a espada, sorriu, respondendo:

— «Tem graça!... Há pouco, quando passaste por nós, implorando auxílio ao meu poder divino, teexaltas apenas a minha beleza, troçando tolamente da fealdade desta mosquinha modesta que caminha a meu lado!

Pois olha: só ela poderá dar-te a tua espada feia!»

E enquanto o guerreiro, rojando-se no pó da estrada, implorava, chorando, o perdão à mosquinha modesta e humilde, esta, muito simplesmente, estendia-lhe a denegrída lâmina, onde brilhavam resplendores de mil glorias heróicas.

Depois, entre um montão de poeira, sumiu-se ao longe o guerreiro em busca da vitória suprema!

E a Joanhina, sorrindo, voltou-se docemente, para a mosquinha meiga:

— «Qual foi a última pergunta que me fizeste, mosquinha?»

— «Quando?! Há bocadinho?»

— «Sim.»

— «Ah!... Perguntei-te, Joanhina, quando é que o mundo deixará de ser cego.»

— «Olha, ingénua mosquinha: quando todos virem pelos olhos deste heroico guerreiro!»

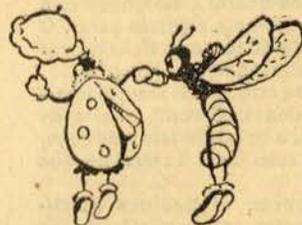
E, dando mais exemplos ao mundo, continuaram seguindo e seguem eternamente, a Joanhina e a môsca, lado a lado, voando, voando sempre!

Pois meus queridos meninos: — habituai os vossos olhinhos a verem em tudo o Bem, porque Deus tanto o ocultou debaixo da Beleza como da Fealdade!

E quem sabe até se existe tanta bondade no coração duma baratinha preta, como no coração duma linda borboletinha branca!



F
I
M



ANEDOTAS

Entre miudos: — Sabes Quim, ouvi dizer que qualquer dia há um tremor de terra que fica tudo arrazado.

— Olha que deve ser verdade porque tenho visto todos os dias polícias armados.

O correio: — Senhor Antonio Pires.

O petiz, que vai à porta: — O Paizinho não está, quem está é a Mamã. Volte às horas do jantar.

— Oh Zéca... O Pai está em casa?

— Não senhor. Almoçou e saiu logo.

— Então, dize-lhe que o Leitão o procurou.

O Petiz olha o cavaleiro dos pés à cabeça, e, muito sério, diz: — Tem graça, o avô disse-me que os leitões são porcos pequeninos.

Maria Alda.

PALAVRAS CRUZADAS

P I M

Horizontalmente: — 1, consoante. 2, consoante e forma do verbo ter. 3, para os cintos. 4, Pim. 5, filas.

Verticalmente: — 1, consoante. 2, vasilha para vinho. 3, perverso. 4, texto. 5, das abelhas e consoante. 6, doença.

P A M

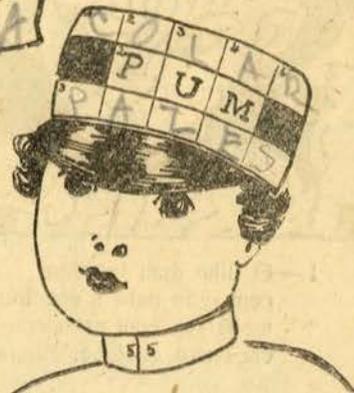
Horizontalmente: — 1, magestade e consoante. 2, artigo indefinido e padiola. 3, vogal e Pam. 4, estimo.

4, consoante. 5, para o frio. 6, leit-tos. 7, fruta.

P U M

Horizontalmente: — 1, adorno de senhora. 2, Pum. 3, sossêgos.

Verticalmente: — 1, consoante e consoante. 2, manto. 3, claridade. 4, estime. 5, consoante e consoante.

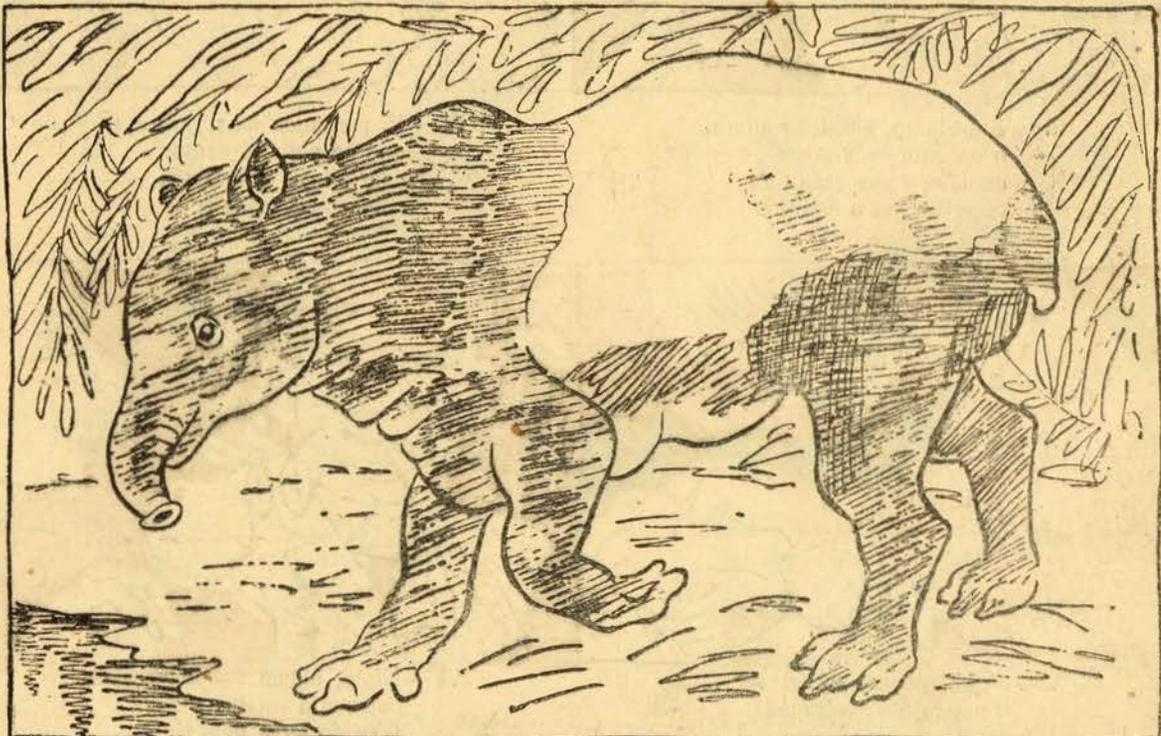


5, indispensavel à vida. 6, nome de homem.

Verticalmente: — 1, caminho. 2, preposição. 3, forma do verbo ir.

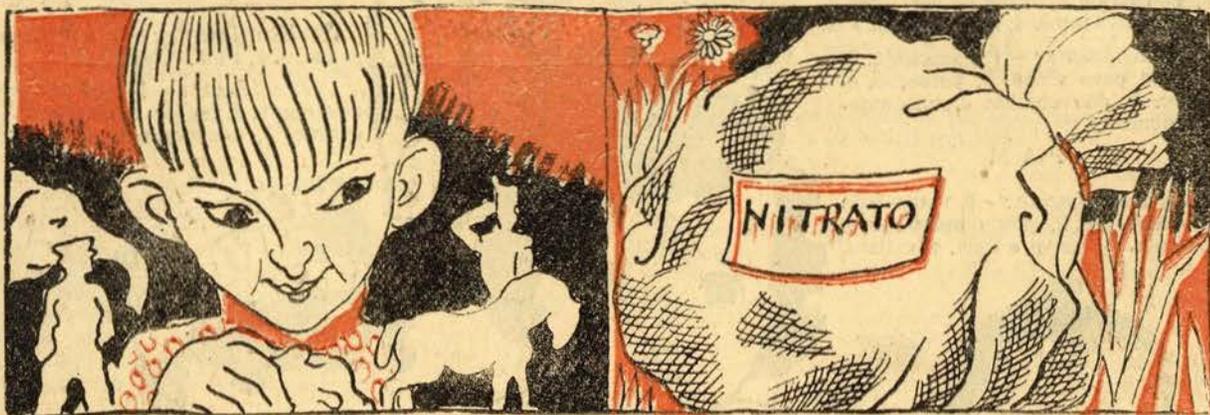
Morenita

PARA OS MENINOS COLORIREM



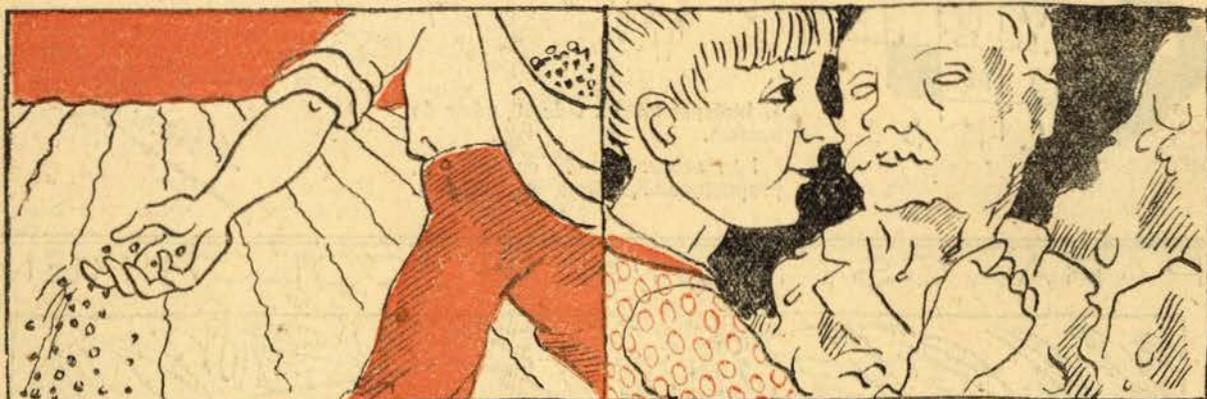
○ TAPIR — (TAPIRUS INDICUS)

ESTÁTUA FLORIDA



I — O filho dum lavrador, com jeito para a escultura, modelava com primor em barro qualquer figura.

II — Lavrador — por tal motivo, o pai dele, em sua herdade, empregava no cultivo adubos em quantidade.



III — Entretanto, em dada altura, o escultor inda novato, decidiu, numa escultura, fazer do pai o retrato.

IV — E, pensando na surpresa, que ao pai iria causar, com afinho e ligeireza começou a modelar



V — no barro que, por sinal, trouxera, de madrugada, do mesmo chão, do local da sementeira adubada.

VI — Nisto, algum tempo passado, começa a estátua a florir, fazendo rir a bom rir o lavrador retratado.